

Do Magma ao Plástico: Uma Jornada de Transformação

Esta jornada começa nas profundezas da Terra, onde o magma se forma a partir da fusão parcial de rochas sólidas. No seu movimento agitado, esse líquido ardente sobe, atravessa fissuras e encontra o caminho para a superfície, transformando-se em lava. O ciclo de criação e destruição não para: a lava arrefece, solidifica-se e dá origem a novas rochas, como um escultor paciente moldando o planeta.



Com o passar de milhares e milhões de anos, as rochas sofrem a ação do tempo. A chuva, os ventos, os rios e os oceanos fragmentam-nas, transformando-as em sedimentos. Estes, acumulados e compactados, formam as rochas sedimentares. Entre essas camadas escondem-se os restos orgânicos de seres já extintos e dos quais se forma um dos elementos que definem o mundo moderno: o petróleo.

Este é extraído das profundezas e levado para as refinarias. Ali, passa por um processo de destilação, onde seus componentes são separados e transformados. A nafta, um dos seus derivados, é fragmentada em moléculas menores, como o etileno e o propeno. Essas, chamadas de monómeros, são um dos constituintes do plástico.

É neste ponto que a história se cruza com uma menina chamada Clara e o seu pequeno boneco de borracha. A matéria que outrora fluiu como magma agora se transformara num objeto que guardava segredos e lápis coloridos. Clara adorava o seu boneco, como um tesouro que escutava sem falar. Mas um dia, a maré levou-o consigo, arrastando-o para um novo destino.

Foi assim que Lina encontrou o boneco de borracha, perdido na areia, desgastado pelo tempo e pelo oceano. Pegou nele e perguntou:

— Quem és tu?

Como se tivesse absorvido todas as histórias do mar, o pote respondeu com memórias. Contou sobre Clara, sobre as ondas que o levaram, sobre os peixes que o rodearam e sobre os humanos que o ignoraram. Mas também falou da sua solidão, da poluição que o envolvia e do destino incerto dos plásticos que terminam nos oceanos.

Lina, com olhos brilhantes, decidiu levar o pote para a escola. Lá, não foi apenas um projeto de ciências, foi uma denúncia, foi poesia. Explicou aos colegas e professores a jornada daquele objeto—da sua origem na terra quente e profunda até ao seu destino incerto no oceano. Falou da criação dos plásticos, dos impactos ambientais e da necessidade de mudança.

Ao fim da apresentação, a escola decidiu dar ao pote um lugar especial na biblioteca, numa vitrine onde selia: "**Pote Rosa: Histórias de Mar e Memórias.**" Ele

já não era lixo. Era uma relíquia, um lembrete de que tudo na Terra, desde o magma até ao plástico, tem um ciclo e cabe a nós decidir como esse ciclo termina.